

## UMA DELIRANTE CONFUSÃO FABULÍSTICA: A LITERATURA INFANTIL “SACODE” A MARQUÊS DE SAPUCAÍ

Prof. Dr. Leonardo Francisco Soares (UFU)  
leofs@ileel.ufu.br

**Resumo:** Desde que a Escola de Samba de Madureira Império Serrano, apresentou, em 1948, o enredo sobre Antônio Castro Alves, a literatura com frequência apareceu como enredo dos Desfiles das Escolas de Samba do Rio de Janeiro. Dentre outros, poder-se-ia citar aqui alguns desfiles antológicos, como “Navio Negreiro” (Acadêmicos do Salgueiro, 1957); “O mundo encantado de Monteiro Lobato” (Estação Primeira de Mangueira, 1967); “Macunaíma, herói de nossa gente” (Portela, 1975); “Sonho de um sonho” (Vila Isabel, 1980) e “Paulicéia desvairada, 70 anos de Modernismo no Brasil” (Estácio de Sá, 1992). Entre diferentes temas relacionados ao literário, a literatura infantil apareceu algumas vezes com destaque, como no desfile vencedor da Mangueira de 1967. Este estudo volta-se para dois enredos, em específico, do ano de 2005, “Uma delirante confusão fabulística” (Imperatriz Leopoldinense), de Rosa Magalhães, e “Entrou por um Lado, Saiu pelo Outro... Quem quiser que invente outro!” (Unidos da Tijuca), de Paulo Barros, em que o imaginário infantil é trazido à tona a partir da literatura. No primeiro, a carnavalesca propõe um encontro (im)possível entre Hans Christian Andersen e Monteiro Lobato, já no segundo, Paulo Barros, dando ênfase à categoria do espaço, aborda os portais da imaginação, a partir de figuras como Dom Quixote, as personagens do *Sítio do Pica pau amarelo*, do *Mágico de Oz*, dentre outras. O objetivo é refletir sobre o modo como esses artistas traduzem o universo infantil para a avenida, para tanto a pesquisa valer-se-á das sinopses dos enredos, da letra e da música dos sambas e das gravações dos desfiles.

**PALAVRAS CHAVE:** Literatura Infantil; Carnaval; Escolas de Samba; Rio de Janeiro.

E quando a festa ia se aproximando, como explicar a agitação íntima que me tomava? Como se enfim o mundo se abrisse de botão que era em grande rosa escarlata. Como se as ruas e praças do Recife enfim explicassem para que tinham sido feitas. Como se vozes humanas enfim cantassem a capacidade de prazer que era secreta para mim. Carnaval era meu, meu.

**Clarice Lispector**

Ao propor uma aproximação entre literatura e carnaval em um colóquio temático que trata das literaturas infantil e juvenil, sou levando pelas memórias de leitura à imagem de um carnaval no Recife: uma menina fantasiada de rosa a assistir a um desfile de foliões na calçada em frente ao sobrado onde morava. Em seus “Restos de carnaval” (1998, p.25-28), publicado em livro no ano de 1971, em um volume intitulado *Felicidade Clandestina*, Clarice Lispector fala dos despojos de um carnaval e de uma memória. A narradora recorda um antigo carnaval, “um carnaval diferente dos outros. Tão milagroso que eu não conseguia acreditar que tanto me fosse dado, eu, que já aprendera a pedir tão pouco”(LISPECTOR, 1998, p.26). Nesse carnaval outro, a narradora-protagonista, então com 8 anos, tem a oportunidade de, pela primeira vez na vida, vestir uma fantasia e ser outra que não ela mesma. O inesperado se dá em virtude das sobras de folhas de papel crepom oferecidas pela mãe de uma amiga: “aceitei

humilde o que o destino me dava como esmola” (1998, P.27). Porém, sua mãe, doente há muito tempo, piora de saúde, e o que era alegria redonda em decepção, a menina é obrigada a sair pelas ruas do Recife vestida de rosa mas com o rosto nu, sem a máscara essencial. Ao final do conto, quando menos se espera, vem a “salvação”:

Um menino de uns 12 anos, o que para mim significava um rapaz, esse menino muito bonito parou diante de mim e, numa mistura de carinho, grossura, brincadeira e sensualidade, cobriu meus cabelos já lisos, de confete: por um instante ficamos nos defrontando, sorrindo, sem falar. E eu então, mulherzinha de 8 anos, considerei pelo resto da noite que enfim alguém me havia reconhecido: eu era, sim, uma rosa.

Como bem observa Benedito Nunes (1984, p.83-84), muitos contos de Clarice Lispector estruturam-se em torno de uma “tensão conflitiva” que é responsável pela distensão da história, abrindo caminhos para o desnudamento do personagem diante da sua própria existência. No conto em questão, a “tensão conflitiva” decorre do binômio carnaval/fantasia e a doença da mãe. Nesse caso, tomo as palavras de Nádya Gotlib, que, na esteira de Benedito Nunes, afirma: “a festa encarna o papel da própria representação pela fantasia e os efeitos dessa representação fantasiosa – ou dessa ficcionalização”. Daí, a consciência da narradora-protagonista de que “naquele carnaval, pois, pela primeira vez na vida eu teria o que sempre quisera: *ia ser outra que não eu mesma*”. (LISPECTOR, 1998, p.27) (grifos meus).

Ser outro que não o mesmo eu; inventar outros, ficcionalizar-se – práticas possíveis tanto no âmbito da literatura quanto no do carnaval. Por isso, escolheu-se como ponto de partida, abre alas, o conto de Clarice Lispector. Afinal, é na crença nessa potencialidade do carnaval de formular uma verdade diferente, não oficial, sobre o mundo e sobre os sujeitos que se constrói esta reflexão. E ao falar do carnaval como essa festa que interrompe, provisoriamente, as interdições e barreiras do sistema oficial, que dramatiza o sujeito em inúmeras máscaras, sou levado agora, num “mar suave”, talvez, feito de plástico e outros materiais caros aos carnavalescos, ao pensamento de Mikhail Bakhtin, em específico, a noção de carnavalização.

No livro *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de Rabelais*, escrito na década de 1940 e publicado em 1962, Mikhail Bakhtin desenvolve de modo mais sistemático a noção de Carnavalização a partir de um mergulho nas fontes populares da literatura de François Rabelais. Pretende-se, aqui, destacar algumas características e fundamentos do que Bakhtin denomina de Carnavalização. Nesse caso, a noção de Carnaval tomada por Bakhtin não se restringe ao período antes da Quaresma, que continua a ser celebrado nas sociedades contemporâneas, em especial a nossa, mas compreende determinadas festividades que, durante a Idade Média e o Renascimento,

ocorriam também noutros momentos do ano associadas a comemorações sagradas, como o Corpus Christi, e chegavam a totalizar cerca de três meses. (cf. CARNAVALIZAÇÃO. In: E-Dicionário de termos literários. Disponível em: <[http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com\\_mtree&task=viewlink&link\\_id=602&Itemid=2](http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=602&Itemid=2)>). As suas origens remontariam, segundo Bakhtin (1993), aos cultos dos mortos e rituais propiciatórios e celebratórios de comunidades agrícolas primitivas que ocorriam durante o tempo das sementeiras e das colheitas, assim como às festas em honra do deus Saturno, que na Roma antiga tinham lugar em Dezembro e eram conhecidas como as Saturnalias. Nas palavras de Bakhtin, “quase todas as festas religiosas possuíam um aspecto cômico popular e público, consagrado também pela tradição” (1993, p.4). Tal aspecto cômico representava uma diferença significativa em relação às formas do culto e às cerimônias oficiais da Igreja e do Estado Feudal e oferecia uma visão do mundo, do homem e das relações humanas totalmente diferente, deliberadamente não oficial, ex-cêntrica: “o mundo às avessas”. Passa-se a experimentar, durante um determinado período, a inversão da ordem social oficial, inversão essa vivida no espaço da praça pública.

Em uma cultura carnalizada, a praça pública, como lugar de ação do enredo, é biplanar e ambivalente. Espaço no qual se vivencia o livre contato familiar de pessoas heterogêneas e se desenrolam as cenas de coroações e destronamentos públicos (cf. BAKHTIN, 1993, p. 128-129). Nessa praça pública carnavalesca rompe-se com as fronteiras espaciais que separam bastidor, palco e plateia; atores e espectadores. O povo não assiste ao carnaval, ele o vive, de acordo com as suas leis de *liberdade*

(...) durante o carnaval é a própria vida que representa e interpreta (sem cenário, sem palco, sem atores, sem espectadores, ou seja, sem os atributos específicos de todo espetáculo teatral) uma outra forma livre da sua realização, isto é, o seu próprio renascimento e renovação sobre melhores princípios.(...) Em resumo, durante o carnaval é a própria vida que representa, e por um certo tempo o jogo se transforma em vida real. Essa é a natureza específica do carnaval, seu modo particular de existência. (BAKHTIN, 1993, p.7)

Essa vida convertida em jogo pode ser resumida na expressão “cosmovisão carnavalesca”. Tal cosmovisão coloca a imagem e a palavra numa relação especial com a realidade. Outras características marcantes dos gêneros integrantes do campo do cômico-sério, segundo Bakhtin, eram a pluralidade de estilos e a variedade de vozes, o dialogismo e a polifonia, o que, conseqüentemente, ocasionava um tratamento radicalmente novo do discurso enquanto matéria literária.

O rebaixamento é outra característica presente na noção de carnavalização e também cara ao realismo grotesco. Tal aspecto pode ser resumido como “a transferência ao plano material e corporal, o da terra e do corpo na sua indissolúvel unidade, de tudo que é elevado, espiritual, ideal e abstrato.” (BAKHTIN, 1993, p.17). Ganham espaço as imagens grotescas que se opõem às imagens clássicas do corpo humano tomado como acabado, perfeito e em plena maturidade, depurado das escórias do nascimento e do desenvolvimento. No caso das imagens grotescas, destrona-se o corpo humano de toda a carga de seriedade, completude e perfeição, fazendo com que venham à tona aspectos diferentes, mais materiais, marcados pelo exagero, o hiperbolismo, a profusão e o excesso.

Há um outro elemento que não pode ser esquecido quando se fala em carnaval: a máscara. As máscaras são utilizadas até hoje pelos foliões nos festejos carnavalescos, são elas as usadas por arlequins, colombinas, pantaleões e briguelas da *commediadell'arte*, mascarados são os *clowns* dos espetáculos circenses, isto é, a máscara é também popular e carnavalesca, o que a cobre de um caráter positivo, regenerador e renovador, universal e público, ou para dizer com Mikhail Bakhtin:

A máscara traduz a alegria das alternâncias e das reencarnações, a alegre relatividade, a alegre negação da identidade e do sentido único, a negação da coincidência estúpida consigo mesmo; a máscara é a expressão das transferências, das metamorfoses, das violações das fronteiras naturais, da ridicularização, dos apelidos; a máscara encarna o princípio de jogo da vida, está baseada em uma peculiar inter-relação da realidade e da imagem, característica das formas mais antigas dos ritos e espetáculos. (1993, p.35)

A relação do homem com a máscara no carnaval aponta para um múltiplo desdobramento das identidades. Tal como a narradora-protagonista do conto “Restos de carnaval” (LISPECTOR, 1998, p. 26), tem-se a consciência, aqui, de que, ao longo da vida, as pessoas vestem-se e despem-se de diferentes máscaras, na maioria das vezes sem visitar o bastidor para essa troca de “figurino”, porque o rosto humano já seria uma espécie de máscara.

Por fim, faz-se importante explicar, brevemente, a natureza do riso carnavalesco da Idade Média e do Renascimento. Este é, antes de qualquer coisa, um riso festivo e coletivo, atingindo a todas as situações e pessoas. Tudo é tomado como cômico e percebido e considerado em seu aspecto jocoso; “esse riso é *ambivalente*: alegre e cheio de alvoroço, mas ao mesmo tempo burlador e sarcástico, nega e afirma, amortalha e ressuscita simultaneamente”. (BAKHTIN, 1993, p. 10) (grifos do autor). O riso carnavalesco traz consigo um profundo valor de concepção do mundo; é um ponto de vista particular e universal sobre o mundo, que o percebe de forma diferente, embora não menos importante do

que o *sério*. Tem uma significação positiva, regeneradora, *criadora*. (Cf. BAKHTIN, 1993, p.57)

Depois dessa rápida passagem pelo pensamento de Mikhail Bakhtin sobre o carnaval, uma pergunta se coloca de modo evidente: em que o desfile das Escolas de Samba Passarela Professor Darcy Ribeiro, mais conhecida como Sambódromo, localizada na Avenida Marquês de Sapucaí, se aproximaria da Praça Pública Carnavalesca de que nos fala Mikhail Bakhtin? O que da “cosmovisão carnavalesca” persistiria nesses desfiles?

Em uma primeira visada, as discrepâncias saltam aos olhos. Em primeiro lugar, na atualidade, o desfile das Escolas de Samba do Rio de Janeiro tornou-se um espetáculo para poucos, sendo que um dos motivos é que o preço dos ingressos impede o acesso dos muitos. Além disso, o concurso é cada vez mais tomado por tantas regras e normas, que terminam por formalizar o espetáculo, antes popular e festivo; então, mais sintonizado com a “cosmovisão carnavalesca” de que nos fala Bakhtin. Faz-se necessário um breve histórico dos desfiles das Escolas de Samba do Rio de Janeiro para se perceber as mudanças.<sup>1</sup>

Deixa Falar é este o nome da primeira Escola de Samba do Rio de Janeiro, fundada em 1926, por um grupo de sambistas do Largo do Estácio, encabeçados por Ismael Silva, que é considerado por muitos como aquele que criou o nome “Escola de Samba”. O primeiro campeonato aconteceu em 1932, ainda não oficial, patrocinado pelo Jornal *Mundo Esportivo*. O campeonato foi vencido pela Estação Primeira de Mangueira. O ano de 1935 marca o início dos concursos oficiais, agora com o aval das autoridades governamentais; pode-se dizer que começa aí o trabalho de normatização dos desfiles. É nessa época que o nome Grêmio Recreativo Escola de Samba (GRES) passa a ser estampado em todas as agremiações.

Apesar de em 1933, a Unidos da Tijuca já ter apresentado um samba em diálogo com o enredo, é só a partir da década de 1940 que essa prática torna-se obrigatória, assim como outras categorias e quesitos. Na década de 1960, os desfiles passam a ser exibidos pela televisão, o que irá acarretar, em longo prazo, inúmeras mudanças no desenvolvimento do espetáculo. Ao mesmo tempo, surgem as arquibancadas e os ingressos, a cada ano mais inflacionados. A década de 1970 traz as cores para televisão e assiste-se a uma revolução estética com o agigantamento das alegorias e adereços das Escolas de Samba, muitas delas beneficiadas pelo mecenato do jogo do bicho.

---

<sup>1</sup> O histórico a seguir teve como fontes principais os seguintes trabalhos: ARAUJO, 2008; ARAUJO, 2003; CRUZ, 2010; FARIAS, 2007; LEOPOLDI, 2010; SOUZA, 2004

Em 1984, é inaugurada a Passarela do Samba, localizada, como dito anteriormente, na Avenida Marquês de Sapucaí, um espaço fixo para a apresentação das Escolas de Samba. Também é o ano de criação da Liga Independente das Escolas de Samba (LIESA).

O que se percebe através desse breve histórico é que a cada ano os desfiles foram incorporados, fixados à estrutura oficial. Com esse ordenamento, ter-se-ia um afastamento da noção bakhtiniana de carnavalização. Por outro lado, ainda é tácito no interior dos desfiles algo da “cosmovisão carnavalesca” de que nos fala Bakhtin. Sobre esse paradoxo, o pesquisador José Sávio Leopoldi afirma o seguinte:

Neste ponto defrontamo-nos com um aparente paradoxo. A apresentação das Escolas de Samba nos moldes atuais não permite exagerada liberdade dos participantes. Independentemente do fato de considerarmos a concepção bakhtiniana do carnaval uma “realidade imaginada” – porque as desigualdades sociais não são realmente superadas pelas manifestações carnavalescas –, o sentimento que prevalece nos desfiles continua sendo esse, como acontecia também com as escolas originais, que sofriam menos constrangimentos e menos controle em suas exibições. Pois, apesar das modificações que “engessaram” os desfiles da atualidade, os componentes continuam manifestando sentimento de liberdade e de igualdade, como se a ilusão carnavalesca subvertesse de fato a ordem social, ainda que provisoriamente. (...)Acreditamos que esse sentimento de liberdade, de evasão, a que já nos referimos, esteja presente nas mais inusitadas situações, particularmente aquelas articuladas com manifestações carnavalescas, cuja natureza é inverter – de maneira simbólica, é preciso ressaltar – a estrutura oficial, possibilitando o sentimento verdadeiro dessa inversão. (2010, p. 36)

Também no que tange aos enredos e ao desenvolvimento dos mesmos, percebe-se, assim como Bakhtin o fazia em relação à literatura do Renascimento, uma ruptura com a visão oficial e um investimento maciço na visão carnavalesca do mundo. Interessam-me de modo mais particular, os enredos que se aproximam do universo da literatura.

Em um período curto de pesquisa em sites da internet que disponibilizam informações sobre os desfiles das Escolas de Samba do Rio de Janeiro,<sup>2</sup> foi feito um levantamento de 117 enredos de Escolas de Samba relacionados à literatura. Pelo que pude apurar, o primeiro desfile a trazer um tema literário, no sentido estrito, foi o da Escola de Samba Império Serrano em 1948, que trazia o poeta romântico Antônio Castro Alves como homenageado. Vale ressaltar que a partir de 1947 passou a ser obrigatória a exigência de enredos com “motivos nacionais”, sendo essa mesma norma radicalizada em 1948 com a estipulação de “finalidade nacionalista”. (cf. AUGRAS, 1998, p.11). Percebeu-se nesse

---

<sup>2</sup> Foram consultados os sites: Apoteose <<http://www.apoteose.com/>>; Samba-choro <<http://www.mail-archive.com/tribuna@samba-choro.com.br/msg08846.html>>; e Sambário <<http://www.sambariocarnaval.com/>>.

levantamento que os diálogos com a literatura se estabelecem de diferentes maneiras, desde a homenagem a escritores ou entidades, como a Academia Brasileira de Letras, passando por obras literárias específicas (romances, poemas, contos), personagens da literatura, imagens literárias e chegando em movimentos culturais e estilos de época.<sup>3</sup>

No que tange ao universo da literatura infantil, dos 117 enredos arrolados, 14 remetem à literatura infantil e à criança. O marco inicial é Monteiro Lobato, tema do desfile vencedor a Estação Primeira de Mangueira, em 1967, cujo título do enredo era “O Mundo Encantado de Monteiro Lobato”. O best-seller *O meu pé de laranja lima*, de José Mauro de Vasconcelos, publicado em 1968, foi tema de enredo da Mocidade Independente de Padre Miguel, em 1970, mesmo ano de suas primeiras adaptações para o cinema e para a televisão. Em 1973 e em 1975, duas obras de Monteiro Lobato servem de tema de enredo, respectivamente, *As Aventuras de Pedrinho*, pela Escola de Samba Independentes do Zumbi, e *Emília no país da gramática*, pela Unidos de Bangu. Também em 1973, a Unidos de Lucas trouxe lendas de origem indígena e de origem africana relacionadas ao universo infantil, era o enredo “Estórias que ouvimos na infância”. O universo infantil em sentido amplo, incluindo-se aí a literatura, esteve no enredo “O reino encantado das crianças”, da Império de Campo Grande, em 1975, no enredo “Parece até que foi ontem”, da Unidos de Vila Isabel, em 1985, e no enredo “Uni-duni-tê a beija flor escolheu você”, da Beija-Flor de Nilópolis, em 1993. A mesma Beija-Flor de Nilópolis, em 1991, apresentou a visão muito particular de Joaozinho Trinta de *Alice no país das maravilhas*. A dramaturga e escritora Maria Clara Machado foi tema de três escolas em diferentes momentos e recortes. Primeiro no enredo “A Visita do Jacarezinho ao Reino Encantado de Maria Clara Machado”, da Unidos do Jacarezinho, em 1992, quando a escritora ainda estava viva. Em 2003, dois anos após a morte da escritora, foi a vez da União da Ilha do Governador com o elogiado “Chega Em Seu Cavalinho Azul Uma Bruxinha Boa. A Ilha Trouxe do Céu Maria Clara Machado”. Mais recentemente, em 2011, a Unidos do Porto da Pedra, trouxe novamente o universo de Maria Clara Machado para avenida com o enredo “O sonho sempre vem pra quem sonhar”.

Este estudo concentra-se, a partir de agora, em dois enredos do ano de 2005, “Uma delirante confusão fabulística”, da Escola de Samba Imperatriz Leopoldinense, de autoria da carnavalesca Rosa Magalhães, e “Entrou por um Lado, Saiu pelo Outro... Quem quiser que invente outro!”, da Escola de Samba Unidos da Tijuca, do carnavalesco Paulo Barros, em que o imaginário infantil é trazido à tona a partir da literatura.

---

<sup>3</sup> Ver ao final Lista Anexa com os 117 enredos com temática literária .

Em 2005, a grande expectativa, para aqueles que acompanham os desfiles das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, era o desfile da Unidos da Tijuca, sob o comando do carnavalesco Paulo Barros, que fora a grande surpresa do ano anterior com o revolucionário “O sonho da criação e a criação do sonho: a arte da ciência no tempo do impossível”. Ao celebrar as conquistas da ciência, a escola apresentou no ano de 2004, entre outros destaques, as “alegorias vivas”: os carros do DNA e do Frankenstein. A simples menção aos dois carros, já aponta para tônica do desfile que, se num primeiro momento apontava para a ciência, não se esqueceu da arte e da ficção, ao trazer a literatura, em especial a ficção científica para o desenvolvimento do enredo. Einstein e Frankenstein eram celebrados pelos quatro mil integrantes da escola. Em 2005, a ciência saía de cena e a fantasia ocupava todo o espaço da fabulação do carnavalesco.

O enredo “Entrou por um lado, saiu pelo outro... Quem quiser que invente outro” descreve uma jornada pelos espaços do imaginário, pelos portais da imaginação. O ponto de partida foi o livro *Dicionário de lugares imaginários*, dos pesquisadores Alberto Manguel e Gianni Guadalupi, publicado a primeira vez, no Canadá, e traduzido para o português em 2003. O livro segue a estrutura que se espera de um dicionário ou enciclopédia tradicional, os verbetes são apresentados em ordem alfabética e cada um se inicia com os dados sobre a posição geográfica, a população e questões relativas a, por exemplo, recursos econômicos, clima, fauna e flora. (cf. CALVINO, 2010, p. 145-149). Por outro lado, todos os lugares só possuem referente nas páginas dos livros, como a Abadia de *O nome da rosa*, de Umberto Eco, o país das maravilhas de que nos fala Lewis Carroll, a Shangri-la de *Horizonte perdido*, de James Hilton, a Oceania de *1984*, de George Orwell. A aresta irônica é que todos esses lugares são apresentados como se possuíssem um referente externo à pena dos criadores. É importante frisar que a edição brasileira do livro, publicado aqui pela Companhia das Letras, traz um embutida alguns lugares famosos da literatura brasileira, como a Antares, do romance de Érico Veríssimo; o colégio Ateneu, do romance de Raul Pomèia, passárgada, de Manuel Bandeira, o Sítio do Pica-Pau Amarelo, de Monteiro Lobato, entre outros lugares.

Se o ponto de partida é o trabalho de Alberto Manguel e Gianni Guadalupi, Paulo Barros vai além, ao incluir em sua cartografia fantástica e carnavalesca, paraísos, infernos e lugares localizados no futuro, o que não ocorre no livro. O enredo organiza-se em quatro blocos, que apresentam espaços imaginários e portais da imaginação: o imaginário infantil; o medo; a conquista; a crítica social; a utopia. O fio condutor que, desde a comissão de frente, amarra esses blocos é *O Engenhoso Fidalgo Dom Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes (1605) – vale frisar que o romance comemorava 400 anos em 2005 – e o

personagem, que mergulhou nos livros de sua biblioteca e ousou viver a imaginação como realidade, simbolizava no desfile a capacidade de conquistar sonhos, vencendo a realidade de um mundo “desencantado”. Além disso, não se pode esquecer, ainda, o sentido primordial e carnavalesco da vida que insurge das páginas do romance de Cervantes, como bem destaca Bakhtin.

A Comissão de frente da Escola de Samba apresentava sete tripés que representavam grandes pavões (símbolo da escola) sobre os quais Dom Quixotes vinham montados. Tais tripés traziam portas das quais entravam e saíam seres imaginários – Visconde de Sabugosa; o Drácula; o Rei Arthur; o Fantasma; O Demônio; Zaius (de *O Planeta dos Macacos*), entre outras figuras –que assombravam e dançavam com um trio de atores que, no chão, representavam o engenhoso fidalgo, Sancho Pança e Dulcineia. Era como dizia o principal refrão do samba de enredo de Sérgio Alan, Jorge Remédio e Valtinho Jr: “Entre por um lado, saí pelo outro a cantar/ E quem quiser invente outro lugar/ O meu paraíso, local mais perfeito não há/ faço do Borel a Shangri-lá.”

Interessa ainda destacar o primeiro bloco/setor do desfile dedicado ao universo infantil, ali podiam ser vistas através das salas as representações do Sítio do Picapau Amarelo, do País das Maravilhas, de Bedrock City, do Castelo do Gigante de João e o Pé de feijão, o Mundo de Oz. Este último fechava o setor com um grande carro alegórico, com a efigie do Homem de Lata, todo construído com painéis. No texto da sinopse do enredo, esse setor é descrito da seguinte forma:

Um pouco de D. Quixote, as crianças dão vida a tudo, ao Sol, à Lua e todos os elementos da natureza ganham significados diferentes dos que possuem no mundo adulto. Para elas, podem existir monstros nas sombras ou animais que falam. Em lugares como o País das Maravilhas, o Sítio do Pica-Pau Amarelo, o Mundo de Oz e tantos outros, é preciso ser criança de novo para viver suas emoções. (BARROS, 2005, Disponível em: <<http://www.academiadosamba.com.br/passarela/unidosdatijuca/ficha-2005.htm>>)

É bastante produtiva essa noção de tomar as crianças como pequenos Quixotes. A saída é pela fantasia, pela imaginação, o olhar lúdico do cavaleiro da triste figura se aproximaria da maneira como as crianças veem o mundo; conseqüentemente, tal visão é refletida em todo o desfile da Unidos da Tijuca.

Nesse mesmo ano, com o barracão ainda sob o comando da vitoriosa carnavalesca Rosa Magalhães, a Imperatriz Leopoldinense fez seu carnaval também inspirada no universo infantil. A partir de um enredo patrocinado pela Câmara de Comércio Dinamarquês-Brasileira, a escola homenageava o escritordinamarquês Hans Christian Andersen, aproveitando-se do fato de que naquele ano comemoravam-se os 200 anos do nascimento do

escritor. Porém, assim como em outros anos, Rosa Magalhães driblou as amarras inconvenientes de um enredo patrocinado e deu asas ao seu “Uma delirante confusão fabulística”. A criatividade começa na própria forma como o enredo foi escrito, com a ajuda da escritora Maria Luiza Newlands, como se fosse uma peça de cordel, nessa peça, imagina-se, pelas vias do texto literário, o encontro a literatura de Hans Christian Andersen com o universo de Monteiro Lobato.

Para desenvolver esse intertexto, a carnavalesca destaca, em primeiro lugar, o fato de Lobato ter traduzido os contos de Andersen para a nossa língua. Porém, a grande referência, no desenvolvimento do enredo na avenida, é *Reinações de Narizinho* (1931): obra inauguradora da saga das personagens do Sítio do Picapau Amarelo, que entre outros diálogos como universo de Andersen, traz Emília convidando o “pobre Patinho Feio” para “uma simples festinha no sítio”. Assim, as porteiras do imaginário-sítio se abrem nesse desfile em que Hans Christina Andersen é o próprio Patinho Feio que, aparece na Comissão de Frente, e retorna ao final no último setor do desfile, na forma de um cisne altaneiro em visita ao Sítio do Picapau Amarelo.

O samba de enredo daquele ano, de autoria de Josimar, Evaldo Ruy, Jorge Artur, P.C. e Jorginho, traz no primeiro verso a forma arquetípica “Era uma vez...”: “Era uma vez.../ E um sorriso de criança faz a gente acreditar.../ Era uma vez.../ Em um mundo encantado,/ se prepare pra sonhar...” Tem-se a referência ao saber proveniente das fábulas que desafia a lógica formal e o caráter intermitente do tempo e do espaço, abrindo um caminho para o indeterminado. Daí o encontro de Monteiro Lobato e Hans Christian Andersen na Marquês de Sapucaí; e como diz o enredo:

(Quando a gente fala assim/ e começa: “era uma vez”./ não tem quem não se interesse./ nem quem não queira escutar./ A criançada se achega/ E gente grande com estresse/ Que foi menino tomem/ Se quieta, vem, sossega./ Senta ou deita, se aconchega./ Se prepara pra sonhar./ E então tudo é possível/ E se pode acreditar/ Quando se é bom ouvinte;/ Tudo pode ser verdade/ E tudo se pode inventar). (MAGALHÃES, 2006, p.16)

Essa potência do “Era uma vez...”, parece que passou despercebida para uma repórter da Rede Globo de Televisão, comentarista do desfile daquele ano, que afirmou o seguinte: “E é tudo muito didático, né! Como o desfile envolve esse universo infantil, a Rosa procurou ser o mais didática possível. Você viu os carros, é tudo bem objetivo (...)” (Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=-SQIBHiAVsI>>). A jornalista vê como uma qualidade essa associação do desenvolvimento do enredo da escola, a literatura infantil, com a lógica pedagogizante, o “mais didática possível” aponta para essa ideia que permeia o senso comum, de que tudo que é voltado para criança, inclusive a arte e a literatura,

deve ser imbuído do logos utilitário e pedagógico. Cabe aqui chamar o teórico Peter Hunt, que coloca duas questões importantes: “Até que ponto os livros para crianças são didáticos? E até que ponto são *necessariamente* didáticos?” (HUNT, 2010, p.57). As perguntas de Hunt apontam para os nossos preconceitos quando se fala em literatura infantil e em criança, e que são exemplificados pelas palavras da repórter, associar à arte para crianças com as ideias de ensinamento e de inocência

Há dois equívocos no comentário da jornalista, em primeiro lugar, não se deveria tomar como ponto pacífico essa relação entre literatura infantil e lógica pedagogizante; em segundo lugar, o desfile da Imperatriz Leopoldinense passou longe desse caráter utilitário. Na verdade, o desenvolvimento do enredo “Uma delirante confusão fabulística” escolhe o caminho diferencial do que é mais comum quando se pensa em didatismo e pedagogismo. Ao rendera sua homenagem aos dois escritores – em lugar do tradicional “vida e obra” –, Rosa Magalhães opta pela saída pela imaginação: Andersen vira personagem de seus próprios contos, metamorfoseado no pobre patinho feio que se transforma em cisne, sendo que a ênfase é dada às suas histórias e não à sua “biografia”.

Embora os dois desfiles suscitem uma gama plural de questões sobre o universo da criança e da literatura, o espaço de uma comunicação não é o suficiente para trata-las, portanto me encaminho para a minha conclusão, que chamo de “preliminar”. Ao contrário da fixidez que parece imperar em muitos discursos sobre a literatura infantil e o universo da criança, os carnavalescos Rosa Magalhães e Paulo Barros optam pela “percepção carnavalesca do mundo”, adotando suas formas e símbolos para falar do imaginário infantil. Nessa perspectiva, desloca-se de uma leitura da literatura infantil como objeto pedagógico, para construir a “criança” na performance da narrativa tecida pelos enredos.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Eugênio. *Valorizando a batucada: um estudo sobre as Escolas de Samba cariocas dos Grupos de Acesso C, D e E*. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, EBA/UFRJ, 2008.

ARAÚJO, Hiram. *Carnaval: Seis Milênios de História*. 2.ed. Rio de Janeiro, Gryphus, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Trad. Yara Frateschi. São Paulo: Hucitec; Brasília: Edunb, 1993

BARROS, Paulo. Entrou por um lado, saiu pelo outro... Quem quiser que invente outro!. Unidos da Tijuca - Sinopse 2005. *Academia do Samba*. Disponível em: <<http://www.academiadosamba.com.br/passarela/unidosdatijuca/ficha-2005.htm>>; Acesso em: 09 mar. 2013

CARNAVALIZAÇÃO. In: CEIA, Carlos (coord.). *E-Dicionário de termos literários*. ISBN: 989-20-0088-9, Disponível em: <[http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com\\_mtree&task=viewlink&link\\_id=602&Itemid=2](http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=602&Itemid=2)>; Acesso em: 09 mar. 2013.

CRUZ, Tamara Paola dos Santos. *As escolas de samba sob vigilância e censura na ditadura militar: Memórias e esquecimentos*. 2010. 131f. (Mestrado em História Social) – Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

FARIAS, Júlio César. *O enredo de Escola de Samba*. Rio de Janeiro: Litteris, 2007.

GOTLIB, Nádya. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Ática, 1995.

HUNT, Peter. *Crítica, teoria e literatura*. Trad. Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

LEOPOLDI, José Sávio. Escolas de samba, blocos e o renascimento da carnavalização. *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, Rio de Janeiro, v.7, n.2, p. 27-44, nov. 2010.

MAGALHÃES, Rosa. Uma delirante confusão fabulística. In: SANTOS, Gilda; VELHO, Gilberto (orgs.). *Artifícios e artefatos; entre o literário e o antropológico*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006. p.11-18.

NUNES, Benedito. *O Drama da Linguagem: uma leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Ática, 1984.

SOUZA, Cássia Helena Glicéia Novelli de. *O desfile das Escolas de Samba na televisão: vinte anos de sambódromo*. 2004. 54f. (Monografia Curso de Comunicação Social Jornalismo) – Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2004.

#### **FONTES CONSULTADAS NA INTERNET PARA O LEVANTAMENTO DE SAMBAS DE ENREDO RELACIONADOS À LITERATURA:**

*SITE APOTEOSE*– disponibiliza o título de todos os enredos e sinopses dos desfiles das Escolas de Samba do Rio de Janeiro desde 1984 (Era Sambódromo). Disponível em <<http://www.apoteose.com/>>; Acesso em: 09 mar. 2013.

*SITE SAMBA-CHORO*– Pesquisa de Fernando Toledo – apanhado de 1948 até 2001). Disponível em <<http://www.mail-archive.com/tribuna@samba-choro.com.br/msg08846.html>>; Acesso em: 09 mar. 2013.

*SITE SAMBARIO*– o site dos sambas-enredo – entre outras informações apresenta o resultado completo de todos os carnavais realizados desde 1932. Disponível em: <<http://www.sambariocarnaval.com/>>; Acesso em: 09 mar. 2013.

COMPACTO OFICIAL CARNAVAL 2005 - Imperatriz Leopoldinense (exibido pela Rede Globo). Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=-SQIBHiAVsI>>; Acesso em: 09 mar. 2013.

DESFILE COMPLETO UNIDOS DA TIJUCA 2005 (exibido pela Rede Globo). Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=tBvRzqoCIjY>>; Acesso em: 09 de mar.

IMPERATRIZ LEOPOLDINENSE – UMA DELIRANTE CONFUSÃO FABULÍSTICA  
MPG (COMPACTO EXPANDIDO CARNAVAL 2005). Disponível em:  
<<http://www.youtube.com/watch?v=AQh-mUa3yZM>>; Acesso em: 09 mar. 2013.

## ANEXO

### SAMBAS DE ENREDO COM TEMAS RELACIONADOS À LITERATURA

- Homenagem a Antônio Castro Alves – Império Serrano (1948)
- Gonçalves Dias – Mangueira (1952)
- Gonçalves Dias – Unidos da Capela (1952)
- Gonçalves Dias – Aventureiros da Matriz (1952)
- Gonçalves Dias – Unidos da Tamarineira (1952)
- O Guarani – Império Serrano (1954)
- O Guarani – Índios de Acaú (1954)
- Glória ao passado, homenagem aos cronistas - Unidos do Grajaú (1954)
- Páginas de ouro da poesia brasileira – Beija-Flor (1955)
- Sinhá Moça – Unidos da Tijuca (1955)
- Navio Negreiro – Salgueiro (1957)
- Poema Inolvidável – Mangueira (1958)
- Machado de Assis – Aprendizes da Boca do Mato (1959)
- Poeta dos escravos – Vila Isabel (1960)
- Academia de Letras – União da Piedade (1960)
- Homenagem à Academia Brasileira de Letras – Imperatriz Leopoldinense (1960)
- Rui Barbosa – Unidos da Capela (1961)
- José de Alencar e suas obras – Independentes do Zumbi (1961)
- Um pouco de Gonçalves Dias – Unidos do Coqueiro (1961)
- Catulo da Paixão Cearense – União da Ilha do governador (1962)
- Casa-Grande e Senzala – Mangueira (1962)
- Gonçalves Dias e suas memórias – Tupi de Brás de Pina (1962)
- Jóias da poesia brasileira – Filhos do Deserto (1962)
- Marília de Dirceu – Acadêmicos do Engenho de Dentro (1962)
- Peri e Ceci – Beija-Flor (1963)
- Jóias da poesia – Unidos de Bangu (1964)
- Y Juca Pirama – Unidos de Santa Teresa (1964)
- História do carnaval Carioca- Eneida – Salgueiro (1965)
- Memórias de um sargento de milícias – Portela (1966)
- Academia Brasileira de Letras – Mocidade Independente de Padre Miguel (1966)
- Poetas do Brasil e suas jóias literárias – Cartolinhas de Caxias (1966)
- Marília de Dirceu – Unidos de Nilópolis (1966)
- O Mundo Encantado de Monteiro Lobato – Mangueira (1967)
- A Vida Poética de Olavo Bilac – Imperatriz Leopoldinense (1967)
- Escrava Isaura – União de Vaz Lobo (1967)
- O Tronco do Ipê – Portela (1968)
- Exaltação a José de Alencar – Beija-Flor (1968)
- A Vida de Castro Alves – Capricho do Centenário (1968)

- Dirceu e Marília, Amor em Vila Rica – Aprendizes da Boca do Mato (1968)
- Marília, noiva da Inconfidência – Independentes de Mesquita (1968)
- Gabriela, Cravo e Canela – União de São Carlos (1969)
- O Mundo da Poesia de Olavo Bilac – Paraíso do Tuiuti (1969)
- O Guarani – Capricho do Centenário (1969)
- Casimiro de Abreu – Unidos da Vila São Luís (1969)
- Exaltação a Machado de Assis – Acadêmicos do Engenho da Rainha (1968)
- Meu pé de laranja lima – Mocidade Independente (1970)
- Alencar, patriarca da independência – Paraíso do Tuiuti (1970)
- Iracema, a virgem tupã – União de Vaz Lobo (1970)
- Casa-grande e senzala – Lins Imperial (1971)
- Três fases da poesia – Acadêmicos de Santa Cruz (1971)
- Marília de Dirceu – União de Jacarepaguá (1971)
- O Guarani de José de Alencar – Unidos de Bangu (1971)
- Martim Cererê – Imperatriz Leopoldinense (1972)
- Iracema, a virgem tupã – Unidos da Ponte (1972)
- Eneida, amor e fantasia – Acadêmicos do Salgueiro (1973)
- Pasárgada, o amigo do rei – Portela (1973)
- O Sabor poético da literatura de cordel – Em Cima da Hora (1973)
- Bahia de Jorge Amado – Lins Imperial (1973)
- Y Juca Pirama – União da Ilha do Governador (1973)
- Casa-grande e senzala – Império de Campo Grande (1973)
- As Aventuras de Pedrinho – Independentes do Zumbi (1973)
- Heroínas dos romances brasileiros – Unidos de São Carlos (1974)
- Cobra Norato – Lins Imperial (1974)
- Essa Nega Fulô – Tupi de Brás de Pina (1974)
- Castro Alves, vida e glória – Inferno Verde (1974)
- José de Alencar, o poeta da vida – Unidos de Uraiti (1974)
- Macunaíma, herói de nossa gente – Portela (1975)
- Imagens poéticas de Jorge de Lima – Mangueira (1975)
- A Morte da porta-estandarte – Imperatriz Leopoldinense (1975)
- Dona Flor e seus dois maridos – Lins Imperial (1975)
- Obra e vida de Cecília Meireles – Paraíso do Tuiuti (1975)
- Emília no país da gramática – Unidos de Bangu (1975)
- Malba Tahan e seus fabulosos contos orientais – União de Vaz Lobo (1975)
- Os sertões – Em cima da hora (1976)
- Cobra Norato – Paraíso do Tuiuti (1976)
- Invenção de Orfeu – Vila Isabel (1976)
- O Cortiço – Foliões de Botafogo (1977)
- A Escrava Isaura – Unidos do Uraiti (1977)
- Castro Alves – Unidos de Manguinhos (1978)
- Sonho de um sonho – Vila Isabel (1980)
- O Guarani – Arranco de Engenho de Dentro (1980)
- Macobeba: o que dá pra rir, dá pra chorar – Unidos da Tijuca (1981)
- Vinícius de Moraes, o poeta do povo – Acadêmicos de Cachambi (1981)
- Lima Barreto, Mulato, pobre, mas livre – Unidos da Tijuca (1982)

- Orfeu no Carnaval – São Carlos (1983)
- Os imortais – Vila Isabel (1983)
- Parece até que foi ontem – Vila Isabel (1985)
- No reino das palavras, Carlos Drummond de Andrade – Mangueira (1987)
- Viva o povo brasileiro – Império da Tijuca (87)
- Amado, Jorge, Imperial – Independentes de Cordovil (1987)
- Tenda dos Milagres – Lins Imperial (1987)
- E agora, José – Tupi de Brás de Pina (1988)
- Jorge Amado, axé Brasil – Império Serrano (1989)
- Stanislaw, uma história sem final – Acadêmicos de Santa Cruz (1989)
- Eneida, o pierrot está de volta – Paraíso do Tuiuti (1990)
- Boca do Inferno – Acadêmicos de Santa Cruz (1991)
- Alice no país das maravilhas – Beija Flor (1991)
- Paulicéia Desvairada, 70 anos de Modernismo no Brasil – Estácio de Sá (1992)
- A Visita do Jacarezinho ao Reino Encantado de Maria Clara Machado – Unidos do Jacarezinho (1992)
- Uni-duni-tê a Beija Flor escolheu você – Beija Flor (1993)
- Néelson Rodrigues, um beijo na Sapucaí – Império da Tijuca (1994)
- Orfeu - O Negro do Carnaval – Unidos do Viradouro (1998)
- Nausicaa – a Odisseia Cubanga nos verdes mares – Acadêmicos de Cubango (1998)
- A São Clemente comemora e traz Rui Barbosa para os braços do povo – São Clemente (1999)
- Tijuca, com Néelson Rodrigues, pelo buraco da fechadura – Unidos da Tijuca (2001)
- Chega em seu Cavalinho Azul uma Bruxinha Boa. A Ilha trouxe do céu Maria Clara Machado – União da Ilha do Governador (2003)
- Uma delirante confusão confabulística – Imperatriz Leopoldinense (2005) – Rosa Magalhães
- Entrou por um lado, saiu pelo outro... Quem quiser que invente outro (2005) – Paulo Barros
- Mocidade Apresenta: Clube Literário - Machado de Assis e Guimarães Rosa... Estrela Em Poesia! (2009)
- Histórias sem fim – Acadêmicos do Salmgueiro (2010)
- A bênção, Vinícius – Império Serrano (2011)
- O Sonho sempre vem pra quem sonhar– Unidos do Porto da Pedra (2011) – Paulo Menezes
- A Vida Como Ela É, Bonitinha, mas Ordinária... Assim Falou Nelson Rodrigues – Unidos do Viradouro (2012)
- Vinícius no plural, Paixão Poesia e Carnaval – União da Ilha do Governador (2013)
- Cora, Coração, Coralina – Mocidade de Vicente de Carvalho (2013) –serie B